conexão
univale
A universidade mais perto de você!
Conecte-se com a UNIVALE!
univale.br
(33) 3279-5500
@univalegv

Egresso de Engenharia da UNIVALE vence prêmio em construção de infraestrutura

Projeto premiado integra modelos BIM e dados de engenharia em um único ambiente, tornando a gestão de obras mais eficiente, conectada e inteligente

Por Thiago Ferreira Coelho

O projeto Nexus venceu a categoria Construção de Infraestrutura do 3º Prêmio BIM Fórum Brasil, que reconhece e divulga ações de destaque da metodologia BIM nos mercados público e privado do setor da construção. Um dos participantes do projeto vencedor é o engenheiro Guilherme Valente, egresso do curso de Engenharia Civil da UNIVALE.

O Nexus é uma solução que integra modelos BIM e dados de engenharia em um único ambiente, tornando a gestão de obras mais eficiente, conectada e inteligente. Guilherme atuou no projeto por meio de sua empresa, a Construção Conectada, uma startup acelerada pela Vetor AG, da construtora Andrade Gutierrez.

"Em uma das fases da aceleração, a engenharia da Andrade Gutierrez desenvolveu essa solução, e a gente desenvolveu em conjunto. Eles foram co-desenvolvedores, trazendo insights e as dificuldades do canteiro, para que a gente, com o nosso time aqui, pudesse trabalhar e desenvolver essa solução. E essa solução foi premiada, esse processo todo", detalhou Guilherme.

A empresa Construção Conectada foi fundada em Governador Valadares no ano de 2020 para aumentar a produtividade e melhorar processos de obras. A solução do projeto Nexus, ele relata, já vem sendo implementada em obras de alto padrão em outros estados, como hospitais, subestações de energia e a sede da Petrobras. E o uso da tecnologia, ele ressalta, não se restringe a grandes obras: a solução é aplicada também em obras menores, inclusive aqui na região.

"Nosso foco é o desenvolvimento do uso do BIM, uma das tecnologias. A gente veio como uma empresa de consultoria e prestação de serviço, e nos últimos dois anos a gente fez uma mudança, uma virada de chave, que foi para a gente desenvolver produtos próprios. Começamos a desenvolver essa solução em 2024 e começamos a aceleração em 2025. E agora, em 2026, a gente conquista esse prêmio em conjunto com esse grande player do mercado [a Andrade Gutierrez]. É uma tecnologia que pode ser usada até em residências", acrescentou.

Com o uso do BIM, Guilherme considera que profissionais podem democratizar o acesso à informação de obras. E foi na UNIVALE que o engenheiro começou a utilizar essa metodologia. "Trabalho com essa tecnologia desde 2012. Meu Trabalho de Conclusão de Curso, em 2015, na minha formação de engenheiro civil na UNIVALE, foi sobre compatibilização em BIM. E, por último, eu fiz uma especialização no MIT sobre design e desenvolvimento de aplicações com inteligência artificial", afirmou.

Olhar de Mestre

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira

Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Coordenador e professor do mestrado em Gestão de Conflitos, Direitos e Humanidades da UNIVALE. Professor do mestrado em Gestão Integrada do Território e do curso de Direito da UNIVALE.

Instagram: @bernardogbn

Conheça os Programas de Mestrado: univale.br/mestrado

As dores da vida: conflitos, memórias e territórios — um diálogo com Drummond

Texto dedicado à turma de Estudos Territoriais II, GIT/UNIVALE — 02/2026

Em uma aula do PPG/GIT, me perguntou a professora Patrícia Falco, qual seria a primeira recordação que eu possuía acerca do termo território. Talvez eu tenha falado que me toca a ciência política e a formação os estados modernos. Entretanto, como sabemos, a memória é também uma invenção. Filha da lembrança e amante do esquecimento que produzem uma terceira via, a qual chamamos, memória.

Os debates sobre memória e território são imensos e interessantes, a ponto de encontrarmos quase um encontro que faria um e outro se complementarem. Ou seja, se compreendemos a memória como uma luta entre aquilo que vivenciamos e o que é recordado/relatado, parece que há aí uma tensão, que se avoluma se inserirmos na trama a informação de que há memórias que são apagadas, destruídas e outras que são tornadas histórias oficiais — o debate é extremamente profundo.

Mas gostaria hoje de evidenciar que na conversa sobre memórias e territórios, um elemento outro é importante: o conflito; entendido como um desacordo na relação, seja ela com o outro ou consigo. Assim, para que haja um território, nos parece, deve haver um conflito. Do mesmo modo, a memória se constitui daquilo que se recorda, misturado e em tensão com aquilo que se inventa, somadas as condições de possibilidades de se contar uma história — assumimos que o contexto social e os atravessamentos raciais, de gênero, se constituem como elementos fundamentais para a possibilidade de se expressar enquanto memória.

Quando respondia à pergunta, me recordava que o termo território me veio muito a partir de um poema de Carlos Drummond de Andrade, *Confidência do Itabirano*, no qual, mesmo sem falar dos termos aqui em questão, nos entrega uma pedagogia imensa sobre nossa prosa de hoje.

Drummond inicia o poema já evocando um passado e ao mesmo tempo um espaço, viveu em Itabira; e continua o poema trazendo as nuanças que compõem sua constituição como humano, ao mesmo tempo em que recupera as imagens de memória que lhes são característica. Vejamos que Drummond, ao retomar a memória, se torna quem é: *Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro [...] Oitenta por cento de ferro nas almas.*

Quer dizer, Drummond é aquilo que recorda e também aquilo que não se recorda; ele é o território de Itabira, que leva consigo, *este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas; este orgulho, esta cabeça baixa*... tudo envolto em uma tensão entre aquilo que foi e viveu, se recordou e esqueceu: conflito.

Falei então à professora Patrícia que o território, antes de aparecer como palavra, vivia em mim feito a poesia de Drummond. Um misto de parentesco com meus sentimentos, envoltos a uma aura de distanciamento; talvez seja isso aquilo que seria o território, a tensão que se estabelece quando nos doamos à vida com os outros, com nossas dores, saudades, desejos e silenciamentos.

O conflito, tanto no poema, quanto na vida dos territórios e memórias, para além de um conceito sociológico, parece se formar como uma condição de habitação no mundo, uma vez que se esquece para se rememorar, se luta para habitar, e mesmo que Itabira seja apenas uma fotografia na parede:

[...] como dói!